

Teotônio Vilela



Uma homenagem a TEOTÔNIO VILELA há de ser simples e curta. A palavra é pobre e pequenina.

O adjetivo não cobre a grandeza do “Menestrel das Alagoas”.

Sem dúvida o silêncio dirá mais dele, porque se expressa por si mesmo — sem forma nem fórmulas.

Teotônio gostava da linguagem do silêncio. No seu último discurso no Senado Federal, ao aludir à não eleição do Senador Paulo Brossard, preferiu dizer:

“Não trocarei palavras sobre isto; trocaremos silêncio. É a maior homenagem que posso prestar à figura de V. Ex^ª”

Amado filho das terras sofridas do Nordeste, filho amantíssimo da Terra de Santa Cruz, peregrino dos caminhos do civismo, pleno de anseios pelo futuro da Pátria, cultor da verdade, valente soldado da guerra santa pela liberdade e pela justiça, o silêncio é a maior homenagem que te podemos prestar.

Estamos em silêncio e de pé. Assim nos recolhemos ao impacto de tua partida, assim saudamos o esplendor de tua memória.

Se alguma voz se deve ouvir, neste momento, é a tua própria voz.

Voltemos à sessão do Senado Federal de 1º de dezembro de 1982, e ouçamos as comoventes palavras finais da última oração pronunciada no Plenário da Casa:

“Viver é perigoso, Sr. Presidente, por isso é que eu fiz da vida um perigo permanente. Não me recusei, jamais, a andar. E como sempre andei procurando ler os melhores autores, sempre encontrei nesses homens a exaltação da vida. Viver é perigoso, eu sei, mas vivo a qualquer título e diante de qualquer perigo, mesmo porque sobre a morte já tanto meditei e sempre foi um tema muito ligado à minha vida. A morte que eu não temo, que eu respeito, considero um estágio na passagem de qualquer um de nós pelo universo, como é a vida. Sinto-me um homem absolutamente tranqüilo diante da adversidade. A minha preocupação é o futuro deste País, é o futuro dessas populações que estão aí desencontradas, desamadas, desalinhas, desde os **nanicos** de Pernambuco, denunciados pelo professor e cientista Nelson Chaves, até os **trombadinhas** das portas de hotel e de bancos de São Paulo.

Temos que ordenar a vida deste País. Meu Deus, quanto trabalho a fazer, quanta coisa digna a se realizar! Pois a minha convicção é esta: a Casa continua, a vida continua, e eu continuarei como um modesto auxiliar do meu ilustre chefe e amigo, Ulysses Guimarães. Estarei sempre à disposição dele. Enquanto eu puder falar, me movimentar um pouco, pensar um pouco, pode usar, nobre Deputado e meu Presidente, os meus préstimos.

Não desejo outra coisa senão morrer lutando. Não desejo outra coisa senão ver a minha Nação, o meu povo, reorientados, a minha Pátria digna dos poderes que criou e das autoridades constituídas. Não desejo outra coisa senão o bem da Nação brasileira.”

DCN (S. 11) — 21-12-82.